

Texto de Alessandro Sciarroni

O meu trabalho consiste em organizar o movimento do corpo humano no tempo e no espaço, num sistema que se chama coreografia. Nas minhas coreografias, a *dança* é sempre o arquétipo de uma prática, um mistério antiquíssimo que nos faz mover em uníssono, *o segredo de um segredo* como dizia a fotógrafa americana Diane Arbus falando do significado das suas imagens.

Por volta do fim de fevereiro disseram-me que tínhamos de parar, que deveríamos cancelar as datas dos espectáculos já fixadas e que não podíamos fazer os ensaios da nova produção. Pensei que o meu trabalho existe e é legitimado exclusivamente pela *presença*.

Preferi arrumar a minha casa antes de me dedicar a um qualquer processo criativo. Tomei o meu tempo para recuperar o controle sobre os meus espaços, sobre os objectos e tirei o pó dos livros um a um. Não tinha nenhuma vontade de ler. Não contrariei a minha tristeza quando os fantasmas vieram visitar-me, e não pensei mais na dança até quando me pediram para escrever este texto.

Pode-se conhecer o mundo inteiro

Sem sair de casa

Sem olhar pela janela

Vêm-se as vias do céu

Quanto mais se avança

Menos se sabe

O epidemiólogo Frank Snowden, da Universidade de Yale, afirma que as epidemias são o tipo de doenças que fazem de espelho aos seres humanos e que nos mostram quem somos verdadeiramente. Para explicar este conceito o estudioso evoca a doença mais temida do século dezanove: a cólera, *uma doença da industrialização* e consequentemente da galopante urbanização, quando massas de pessoas chegavam às grandes cidades — um ambiente catastrófico onde não existia qualquer tipo de preparação sanitária ou habitacional, e sem qualquer sistema higiénico-sanitário. Nesse ambiente uma doença que se transmitia por via oral-fecal, tirava a máxima vantagem.

O TEATRO DELL'ARANCIO

Alguns anos atrás tive a oportunidade de apresentar o meu trabalho numa pequena aldeia da Itália central, a poucos quilómetros de distância da minha casa: Grottammare. O espaço que acolhia a performance chama-se Teatro dell'Arancio, um edifício do século XVII cujas decorações em madeira se perderam durante a epidemia da febre espanhola entre 1916 e 1918. O interior do teatro tinha um palco cénico, uma plateia e três ordens de camarotes de madeira decorados. Hoje não resta nada da decoração original. Por causa do elevado número de pessoas falecidas pela epidemia, a madeira que o revestia, foi utilizada para construir caixões. Embora o lugar mantenha o mesmo nome e as paredes exteriores permaneçam as originais, quando se entra, é forte a sensação de nos encontrarmos

perante “um falso” e que o Teatro dell’Arancio se tenha perdido para sempre. Ao contrário, a memória da acção radical que o depauperou, é incrivelmente presente.

A palavra “teatro” tem dois significados: indica um lugar, assim como indica a actividade que se desenvolve no seu interior.

A palavra “dança”, em vez disso, possui um único significado, existe unicamente na sua natureza imaterial.

SAVE THE LAST DANCE FOR ME

Em 2012 tive a oportunidade de trabalhar durante muito tempo numa antiquíssima dança popular que se chama *Schuhplattler*. As primeiras fontes escritas, remontam ao ano 1050 d.C. e contam que dançarinos percutiam ritmicamente os seus sapatos com as palmas das mãos. Esta dança é praticada ainda hoje e é transmitida de geração em geração nos pequenos centros urbanos do Tirol e da Baviera.

A performance que nasceu da pesquisa sobre o *Schuhplattler* chama-se *FOLK_S*.

Na altura acreditava que uma tradição como a dança podia extinguir-se no momento em que ninguém fosse mais capaz de praticá-la. Mas na realidade a questão é um pouco mais complexa do que isso, e tive a confirmação seis anos mais tarde, quando comecei a estudar uma outra dança popular que tem pouco mais de cem anos: a *polka chinata*.

Em 2018, vim a saber que existiam só cinco pessoas em todo o mundo a serem capazes de dançar *polka chinata*, uma dança de Bolonha, do começo de mil e novecentos, nascida espontaneamente nos salões de baile e que se difundiu assumindo conotações quase agonísticas, sendo até dançada debaixo das arcadas da cidade. No ano passado pedimos aos conhecedores desta tradição para nos ensinarem a dançá-la e, juntamente com alguns festivais italianos, decidimos criar *workshops* para mantê-la viva. O projecto chama-se *Save the last dance for me*.

Foram cerca de trezentas as pessoas que participaram nos *workshops* e pelo menos vinte delas conseguiram alcançar um bom nível técnico. Quando apresentámos a iniciativa à Pinacoteca de Bolonha, tive a oportunidade de falar do projecto com uma antropóloga que me explicou que a dança não se extingue da mesma maneira que se extinguem as espécies. A dança é um objecto imaterial: na sua natureza está já contemplada a transitoriedade e a intermitência. Efectivamente, depois de ter desaparecido durante décadas, a *polka chinata* voltou à vida bem antes que eu a recuperasse. Foi graças ao mestre de baile Giancarlo Stagni, que lhe deu, em tempos recentes, uma vida nova através da descoberta de alguns vídeos dos anos sessenta.

A dança pode renascer depois de ter desaparecido durante gerações inteiras. Extingue-se só se cair no esquecimento.

Não penso que seja por acaso que, nas últimas semanas, as redes sociais tenham sido literalmente invadidas pelos registos em vídeo de espectáculos de teatro e de dança. Acho que, provavelmente, a um nível inconsciente, trata-se de uma tentativa de salvar estes fenómenos do esquecimento. Um outro *trend* importante relativamente às redes sociais foi o de publicar as próprias imagens da infância.

*Eternidades cósmicas e eras deixam o quarto
Explodindo no infinito
Nenhuma entrada, nenhuma saída agora
Nenhuma necessidade de necrologias ou julgamentos finais
Sabíamos que o tempo acabaria
Depois de amanhã ao amanhecer
Limpámos o chão
E lavámos os pratos
Não nos apanhará desprevenidos.*

ENTREVISTADOR: Numa entrevista ao New Yorker disse que “as epidemias reflectem a nossa relação com o ambiente, seja ele o que construímos seja ele o ambiente natural”. Isto vale também para a pandemia de coronavírus? As epidemias são o espelho da vulnerabilidade humana?

FRANK SNOWDEN: “Com o coronavírus, existem pelo menos três dimensões que mostram como o Covid-19 possa ser o espelho do que somos enquanto civilização. A primeira, é que estamos prestes a ser quase 8 biliões de pessoas no mundo inteiro. A seguir, existe o mito de que podemos ter um crescimento económico e um desenvolvimento infinito ainda que os recursos do planeta sejam limitados, o que é uma contradição intrínseca. Contudo, temos vindo a construir a nossa sociedade sob este mito, pensando que as duas coisas se podem de alguma maneira conciliar. Existe, portanto, um problema. Além disso, esta situação transforma a nossa relação com o ambiente e em particular com o mundo animal. Declaramos guerra ao ambiente e destruimos o habitat dos animais — esta é a época da erradicação e da extinção das espécies. O que acontece é que os seres humanos entram em contacto com os animais com uma frequência e de uma forma que nunca tinha acontecido no passado. E podemos nos dias de hoje indicar quais são as doenças que o demonstram: a gripe aviária por definição, assim como a MERS e a SARS e o Ébola. E agora temos o coronavírus. Diria que este padrão não é casual. Quer dizer que vivemos uma época de repetidos *spillovers*. E em particular parece que estamos muito vulneráveis àqueles vírus onde os morcegos são um hospedeiro natural. Uma outra característica da globalização é que criámos um mundo de grandes cidades, de megalópoles ligadas por um transporte aéreo rápido, o que significa que um *spillover* que aconteça, escolho um lugar ao caso, em Jakarta pela manhã ... o mesmo vírus estaria presente em Los Angeles e em Londres à noite. Assim sendo diria que o coronavírus está a desfrutar de canais de vulnerabilidade que nós mesmos criámos. Diria também que esta pandemia é a quintessência da epidemia de uma sociedade globalizada. Globalização significa destruição do ambiente, o mito de um crescimento económico infinito, um enorme crescimento demográfico, grandes cidades e transportes aéreos rápidos; está tudo ligado.”

A terra está a morrer e nós não nos damos conta.

No final de janeiro deste ano foi iniciada uma recolha de fundos para salvar uma casa de campo numa praia de Kent, no Reino Unido, em frente à central nuclear de Dungeness. Trata-se do *Prospect Cottage*, um edifício em madeira escura com persianas amarelas, a última casa de Derek Jarman, realizador visionário, artista e activista britânico que faleceu de SIDA, em 1994. Jarman

conseguiu que crescessem, entre seixos rolados da praia, flores e céspedes, além de criar uma pequena horta. Nos meses em que a floração perdia o seu vigor decorava o espaço interior e exterior da casa com os detritos trazidos pelas ondas ou velhos armamentos de guerra desenterrados na praia.

Graças a Keith Collins, a partir de 1994, *Prospect Cottage* tornou-se um lugar de memória, meta de peregrinação de muitos artistas e seguidores, fonte de inspiração e espaço de comemoração. Depois da morte de Collins, a Tate de Londres, que se ocupa agora do arquivo de Jarman e a Creative Folkstone, que cuida do jardim, lançaram um projecto de *crowdfunding*. Para garantir um futuro à *Prospect Cottage*, foi estimado um orçamento de 3,5 milhões de **Libras** a alcançar até dia 31 de março de 2020.

Enquanto lutava contra a cegueira, pouco antes de ser vítima da SIDA, Derek Jarman deixou-nos a sua teoria das cores: “Chroma”. Neste livro cada capítulo é dedicado a uma cor, anotando à margem lembranças e citações numa lírica combinação de tratados clássicos, diários, anedótica, poesia. O capítulo dedicado à cor azul é o roteiro do último filme que nos deixou e conclui-se com estes versos:

[...]

O nosso nome será esquecido

Com o tempo

Ninguém recordará o nosso trabalho

A nossa vida passará como os rastos de uma nuvem

E dissipar-se-á

Como o nevoeiro perseguido

Pelos raios de sol

Porque o nosso tempo é a passagem de uma sombra

As nossas vidas dissipar-se-ão

Como faíscas entre o restolho.

Ponho um delphinium, Azul, sobre o teu túmulo.

Foram 8.347 os doadores que participaram na recolha de fundos para salvar *Prospect Cottage*. O projecto alcançou 106% e foram recolhidas 3.725.982 Libras. Todos os versos que usei neste texto são retirados de “Chroma”.

Alessandro Sciarroni

Alessandro Sciarroni é um criador italiano activo nas artes performativas, artes visuais e pesquisa teatral. Tem apresentado os seus trabalhos em festivais de dança e teatro, museus, galerias e espaços não convencionais, em instituições e eventos de relevo em todo o mundo, de entre os quais se destacam Biennale de la Danse de Lyon, Kunstenfestivaldesarts (Bruxelas), Impulstanz (Viena), Festival d’Automne, Centquatre e Centre Pompidou (Paris), Festival TBA (Portland), Biennale di Venezia, The Walker Art Center (Minneapolis) ou Museo MAXXI (Roma).

O seu trabalho ultrapassa as definições de género — usa a estrutura teatral, mas pode recorrer a técnicas e experiências da dança, do circo ou do desporto, envolvendo regularmente profissionais de diferentes disciplinas. Além do rigor, coerência e clareza, procura descobrir obsessões, medos e fragilidades do acto de interpretar, através da repetição de uma prática até aos limites da resistência física dos intérpretes, considerando uma dimensão diferenciada de tempo e uma relação empática entre o público e os artistas.

Testo di Alessandro Sciarroni

Il mio lavoro consiste nell'organizzare il movimento del corpo umano nel tempo e nello spazio in un sistema che si chiama coreografia. Nelle mie coreografie la *danza* è sempre l'archetipo di una pratica, un mistero antichissimo che ci fa muovere all'unisono, *il segreto di un segreto* come diceva la fotografa americana Diane Arbus parlando del significato delle sue immagini.

Intorno alla fine di febbraio mi hanno detto che ci saremmo dovuti fermare, che avremmo dovuto cancellare le date degli spettacoli già fissati e che non avremmo potuto fare le prove della nuova produzione. Ho pensato che il mio lavoro esiste ed è legittimato esclusivamente dalla *presenza*. Ho preferito mettere in ordine la mia casa piuttosto che dedicarmi ad un qualsiasi processo creativo. Ho preso tempo per riprendere il controllo sui miei spazi, sugli oggetti e ho rispolverato i libri uno ad uno. Non avevo nessuna voglia di leggere. Ho assecondato la mia tristezza quando i fantasmi sono venuti a visitarmi e non ho più pensato alla danza fino a quando mi è stato chiesto di scrivere questo testo.

*Si può conoscere il mondo intero
Senza muoversi di casa
Senza guardare dalla finestra
Si vedono le vie del cielo
Più si va
Meno si sa.*

L'epidemiologo Frank Snowden dell'Università di Yale sostiene che le epidemie siano una categoria di malattie che fanno da specchio agli esseri umani e che ci mostrano chi siamo veramente. Per spiegare questo concetto lo studioso racconta della malattia più temuta del diciannovesimo secolo: il colera, *una malattia dell'industrializzazione* e quindi dell'urbanizzazione dilagante, quando masse di persone si riversavano nelle grandi città - un ambiente catastrofico dove non esisteva alcuna preparazione sanitaria o abitativa, senza alcun sistema igienico-sanitario. In questo ambiente una malattia che si trasmetteva per via orale-fecale, ne traeva il massimo vantaggio.

IL TEATRO DELL'ARANCIO

Alcuni anni fa mi è capitato di presentare il mio lavoro in un piccolo paese del centro Italia distante pochi chilometri da casa mia: Grottammare. Lo spazio che ospitava la performance si chiama Teatro dell'Arancio, un edificio del 'settecento i cui arredi lignei sono andati distrutti durante l'epidemia di spagnola, tra il 1916 e il 1918. L'interno del teatro presentava un palcoscenico, una platea e tre ordini di palchi lignei decorati. Oggi non rimane più alcun resto degli arredi originari. A causa dell'elevato numero di persone decedute per l'epidemia il legname degli arredi è stato usato per costruire casse da morto. Sebbene il luogo abbia mantenuto lo stesso nome e le mura esterne siano originali, entrando è forte la sensazione di trovarsi all'interno di "un falso" e che il Teatro dell'Arancio sia andato perduto per

sempre. Al contrario, la memoria dell'azione radicale che l'ha depauperato è incredibilmente presente.

La parola "teatro" ha due significati: indica un luogo, così come indica l'attività che si svolge al suo interno.

La parola "danza" invece possiede un solo significato, esiste unicamente nella sua natura immateriale.

SAVE THE LAST DANCE FOR ME

Nel 2012 mi è capitato di lavorare per parecchio tempo su un'antichissima danza popolare che si chiama *Schuhplattler*. Le prime fonti scritte risalgono all'anno 1050 d.c. e narrano di danzatori che si percuotevano ritmicamente le scarpe con i palmi delle mani. Il ballo viene praticato ancora oggi e viene trasmesso di generazione in generazione nei piccoli centri urbani del Tirolo e della Bavaria. La performance che è nata dalla ricerca sullo Schuhplattler si chiama *FOLK_S*. All'epoca credevo che una tradizione come la danza potesse estinguersi nel momento in cui nessuno fosse più in grado di praticarla. Ma in realtà la questione è un po' più complessa di così e ne ho avuto la conferma sei anni dopo, quando ho iniziato a studiare un altro ballo popolare che ha poco più di cento anni: la polka chinata.

Nel 2018 sono venuto a conoscenza del fatto che esistevano solo cinque persone in tutto il mondo ad essere in grado di ballare la polka chinata, una danza bolognese dei primi del '900 nata spontaneamente nelle balere che si diffuse assumendo delle connotazioni quasi agonistiche fino ad essere ballata sotto i portici della città. Lo scorso anno abbiamo chiesto ai detentori di questa tradizione di insegnarci a danzarla e assieme ad alcuni festival italiani abbiamo deciso di attivare alcuni workshop di trasmissione per mantenerla in vita. Il progetto si chiama *Save the last dance for me*. Sono circa trecento le persone che hanno partecipato ai workshop e almeno venti di loro sono riusciti a raggiungere un buon livello tecnico nell'esecuzione. Quando abbiamo presentato l'iniziativa alla Pinacoteca di Bologna ho avuto l'occasione di parlare del progetto con un'antropologa, che mi ha spiegato che la danza non si estingue nella stessa maniera nella quale si estinguono le specie. La danza è un oggetto immateriale: nella sua natura è già contemplata la transitorietà e l'intermittenza. La polka chinata in effetti dopo essere sparita per decenni è tornata alla vita ben prima che io la recuperassi. Fu grazie al maestro di balli di sala Giancarlo Stagni, il quale la riportò in vita in tempi recenti grazie al rinvenimento di alcuni video degli anni sessanta.

La danza può tornare dopo essere sparita per intere generazioni. Si estingue solo se cade nell'oblio.

Non penso sia un caso il fatto che nelle ultime settimane i social network siano stati letteralmente invasi da documentazioni video di spettacoli di teatro e danza. Credo che, forse ad un livello inconscio, si tratti di un tentativo di salvare questi fenomeni dall'oblio. Un altro trend importante sui social è stato quello di pubblicare le proprie immagini dell'infanzia.

*Eternità cosmiche ed ere lasciano la stanza
Esplodendo nell'infinito
Nessuna entrata, nessuna uscita ora
Nessun bisogno di necrologi o giudizi finali
Sapevamo che il tempo sarebbe finito
Dopodomani all'alba
Abbiamo pulito i pavimenti
E lavato i piatti
Non ci coglierà impreparati*

INTERVISTATORE: In un'intervista al New Yorker lei ha detto che "le epidemie riflettono il nostro rapporto con l'ambiente, sia quello che abbiamo costruito che l'ambiente naturale. Questo vale anche per la pandemia di coronavirus? Le epidemie sono lo specchio della vulnerabilità umana?"

FRANK SNOWDEN: "Con il coronavirus, ci sono almeno tre dimensioni che mostrano come la Covid-19 sia lo specchio di ciò che siamo come civiltà. La prima è che stiamo diventando quasi 8 miliardi di persone in tutto il mondo. Poi abbiamo il mito per cui si può avere una crescita economica e uno sviluppo infinito anche se le risorse del pianeta sono limitate, il che è una contraddizione intrinseca. Eppure abbiamo costruito la nostra società su questo mito, pensando che le due cose si possano in qualche modo conciliare. Quindi c'è un problema. Inoltre, questo trasforma il nostro rapporto con l'ambiente e in particolare con il mondo animale.

Abbiamo dichiarato guerra all'ambiente e distruggiamo l'habitat degli animali – questa è l'era dello sradicamento e dell'estinzione delle specie. Quello che succede è che gli esseri umani entrano in contatto con gli animali con una frequenza e in modi che non sono mai accaduti in passato. E possiamo ora indicare quali sono le malattie che lo dimostrano: l'influenza aviaria per definizione, così come la MERS e la SARS e l'Ebola. E ora abbiamo il coronavirus. Direi che questo schema non è casuale. Vuol dire che viviamo un'un'epoca di ripetuti spillover. E in particolare sembra che siamo molto vulnerabili a quei virus per i quali i pipistrelli sono un ospite naturale. Un'altra caratteristica della globalizzazione è che ora abbiamo creato un mondo di grandi città, di megalopoli collegate da un rapido trasporto aereo, il che significa che uno *spillover* che accade, scelgo un posto a caso, a Giacarta al mattino...lo stesso virus sarebbe presente a Los Angeles e a Londra la sera. Quindi direi che il coronavirus sta sfruttando canali di vulnerabilità che noi stessi abbiamo creato. Direi anche che questa pandemia è la quintessenza dell'epidemia di una società globalizzata. Globalizzazione significa distruzione dell'ambiente, il mito di una crescita economica infinita, un'enorme crescita demografica, grandi città e trasporti aerei rapidi; è tutto collegato."

La terra sta morendo e noi non ce ne accorgiamo.

Alla fine di gennaio di quest'anno è stata avviata una raccolta fondi per salvare un cottage su una spiaggia del Kent, in Inghilterra, che sorge di fronte alla centrale nucleare di Dungeness. Si tratta di Prospect Cottage, un edificio in legno scuro dalle persiane gialle, ultima dimora di Derek Jarman, regista visionario, artista e attivista britannico morto di Aids nel 1994. Jarman riuscì a far crescere tra i sassi

arrotondati della spiaggia fiori e cespugli coltivati, oltre a creare un piccolo orto. Nei mesi in cui la fioritura perdeva il suo vigore decorava lo spazio interno ed esterno della casa con i detriti portati dalle onde o vecchi ordigni bellici rinvenuti sulla spiaggia.

Grazie a Keith Collins a partire dal 1994 Prospect College divenne un luogo di memoria meta di pellegrinaggio di molti artisti e seguaci, fonte di ispirazione e spazio di commemorazione. Dopo la morte di Collins la Tate di Londra, che si occupa ora dell'archivio di Jarman e la Creative Folkstone, che si prende cura del giardino, hanno lanciato il progetto di crowdfunding. Per garantire un futuro a Prospect Cottage è stato stimato un budget di 3.5 milioni di sterline da raggiungere entro il 31 marzo 2020.

Mentre lottava contro la cecità, poco prima di rimanere vittima dell'Aids, Derek Jarman ci lascia la sua teoria dei colori: "Chroma". In questo libro ogni capitolo è dedicato ad un colore, annotando a margine ricordi e citazioni in una lirica combinazione di trattatistica classica, diario, aneddotica, poesia. Il capitolo dedicato al colore blu, è la sceneggiatura dell'ultimo film che ci ha lasciato e si conclude con questi versi:

*Il nostro nome sarà dimenticato
Col tempo
Nessuno ricorderà il nostro lavoro
La nostra vita passerà come scia d'una nuvola
E si dileguerà
Come la nebbia inseguita
Dai raggi del sole
Perché il nostro tempo è il passaggio d'un'ombra
Le nostre vite svariranno
Come scintille tra le stoppie.*

Metto un Delphinium, blu, sulla tua tomba.

Sono stati 8.347 i donatori che hanno partecipato alla raccolta fondi per salvare Prospect Cottage. Il progetto è stato completato al 106% e sono state raccolte 3.725. 982 sterline. Tutti versi che ho riportato in questo articolo sono tratti da "Chroma".